

Buscando e
aprimorando
vidas

Uma negra do povo – o sincretismo de sua cultura

Ana Cristina Pereira Lage

Dona Maria da Conceição Ferreira nasceu em 1910, em uma comunidade familiar nas cercanias de Mariana e Ouro Preto (MG). Esta comunidade era formada por negros e, possivelmente, índios, devido aos traços de miscigenação encontrados nela e em seus familiares, os quais preservavam um dialeto próprio, presente na memória da entrevistada. Tais características podem indicar a presença de um pequeno quilombo, já que a mesma relata que sua família não era formada por escravos, mas homens livres e mineradores e que preservavam uma cultura própria.

Sua instalação na cidade de Ouro Preto deveu-se, em primeiro lugar, à busca de uma educação, com o intuito de ser professora. Instalou-se na casa de uma família rica que iria ajudá-la mas, devido à mudança da mesma para outra cidade, teve que deixar o seu sonho de estudar de lado. Devido a problemas financeiros de seu pai, instalou-se como empregada doméstica na cidade, aos 10 anos de idade. Na década de 20, as reminiscências da escravidão ainda estavam presentes na memória coletiva. O tratamento dado por seus patrões era muito severo. Tomava conta das crianças da casa em que trabalhava durante os seus momentos de estudos. Foi assim que ela aprendeu a ler...quase uma autodidata: tendo uma ajuda de vez em quando e escutando as lições dos meninos.

A leitura sempre fez parte de sua vida. O jornal fazia-lhe companhia cotidianamente. Hoje, aos 94 anos de idade, não consegue mais lê-lo, mas ainda guarda em sua memória traços da política e da sociedade local captados através das letras impressas.

Na década de 30, já trabalhando como operária em uma fábrica local, foi levada, junto com alguns amigos e pela irmã a simpatizar-se com o movimento integralista. Tal movimento tinha como maior prioridade perseguir e abafar o comunismo brasileiro. Embora perseguido pelo governo de Getúlio Vargas, era usado pelo mesmo para contrapor o ideário comunista. Alegavam que os comunistas iam tomar os bens das pessoas e redistribuí-los. Este era o discurso da porta da fábrica ouropretana.

Por outro lado, o integralismo nacional tinha um discurso racista. A justificativa da integração de negros neste movimento em Ouro Preto era, por parte dos negros, o temor ao comunismo e, por parte dos fundadores, a necessidade de aumentar o seu contingente local. A elite pregava o integralismo junto ao povo para formá-los enquanto anticomunistas.

A saída do movimento integralista deveu-se aos rumores de que todos os seus adeptos seriam presos. O seu pai então resolveu destruir a *camisa verde* e proibí-la de participar das reuniões.

Nesta mesma época participou da formação do grupo carnavalesco *Banjo de Prata*. Seu espírito festeiro sempre esteve presente em sua vida. É uma das sócio-fundadoras do grupo da “maior idade” em Ouro Preto, pois acredita que deva Ter vida social ainda na velhice e não cair na monotonia. No carnaval de Ouro Preto, participou

como porta-estandarte do bloco da maior idade até os 88 anos e deixou de desfilar aos 92.

Faz parte de diversas irmandades. De Nossa Senhora das Mercês (de cima e de baixo, devido ao fato de existir duas igrejas com o mesmo nome) e do Rosário. Seu lado religioso se manifesta na devoção às irmandades, tendo até recebido uma homenagem como membro antigo do Rosário.

Mas a sua religiosidade é sincrética. É conhecida como uma grande rezadeira/benedeira para curar doenças das pessoas. Conhece também a cura através de diversas plantas.

O sincretismo cultural está presente nesta representante do povo negro, desconhecida por muitos, mas reverenciada por sua comunidade local. Possivelmente nasceu em uma comunidade quilombola, guarda reminiscências de um dialeto próprio. Por outro lado, ansiou aprender a educação formal, escutou e apreendeu as primeiras letras. Ninguém a segurou mais... fez do jornal o seu amigo diário. Participou de movimentos políticos, culturais e religiosos. Pulou carnaval e mostrou a sua alegria nas ladeiras de Ouro Preto . A crença no seu poder junto aos santos e divindades, no seu conhecimento do sobrenatural, nas plantas milagrosas, curou várias pessoas ao longo de décadas.

A cultura negra, branca, indígena, brasileira, está presente em sua fala. Perguntada se poderia ensinar uma reza para curar dor de cabeça, respondeu:

Fala o nome da pessoa: Fulana, quem te levou quem te pôs. Deus te benze com sua Santíssima Cruz. Deus te defenda, dor no corpo, dor de cabeça, quebrante, mal olhado, todo mal que tiver. Se és o ferro, eu sou o aço, do demônio, o embaraço. Falar sete vezes ou três.

Fonte: entrevista concedida em 09/07/2004 – Ouro Preto (MG)